

PÓS-POÉTICAS

Sobre os trabalhos em exposição:

Ana Tomimori

Entre Hinos e Bandeiras reúne um conjunto de trabalhos realizados entre 2012 e 2016 em São Paulo. A série investiga como a subjetividade apropria-se da história e é reinterpretada pela memória da artista. Com descendência nipônica e nacionalidade brasileira, ela propõe uma reflexão sobre o discurso hegemônico veiculado pelos Estados nacionais e pela mídia de massa, que acabam por estimular um pensamento excludente. A “Ordem e Progresso” é absorvida por uma visão particular e projetada nestes trabalhos através de ‘notas’ pouco afinadas para um hino.

Andréa Tavares

A tese de doutorado “Curso de Desenho por Correspondência” é uma investigação sobre o desenho, seu ensino e aprendizagem, dentro da tradição ocidental. O método de trabalho se baseia em estratégias de edição, colagem, apropriação, tradução e cópia. Para desenvolver a tese foram necessárias muitas horas de trabalho, que se tornaram meses e anos. Este tempo deixou um rastro, não apenas na conclusão dos volumes da tese, mas também materializados nos restos dos trabalhos, nas folhas impressas e xerocopiadas, de fichamentos, artigos, modelos, bonecos, esboços, pequenos objetos; um arquivo múltiplo necessário a função do artista pesquisador. Como presença espacial o “Curso de Desenho” coloca no espaço da exposição este material, indica uma possibilidade de percursos, alguns percorridos, outros abandonados. Cria um espaço de possíveis investigações sobre o desenho para ser compartilhado. Neste lugar acontecerão leituras públicas da tese, convidados lerão os exercícios do curso para a artista que irá cumpri-los. Os resultados destes exercícios irão se acumular no espaço.

Cassia Aranha

Paralelas Cruzadas é uma obra híbrida que conecta arte móvel, videoperformance, literatura e realidade mista. Os artistas convidados para integrar esse trabalho [(Luciana Mantovani - textos ficcionais), (Javier Xubero, Romina Cariola, Carolina Toscani, Cecilia Mazza - performers argentinos), (Danilo Patzdorf e Mariana Meloni - performers brasileiros), (Wilson Cano, Jota Jota Jaramillo Sanchez e Michael Pérez - performers colombianos)], realizaram ações performáticas em diferentes espaços públicos ressignificados das cidades de Buenos Aires, São Paulo e Medellín, cuja interação entre eles ocorre somente no universo virtual, por meio da manipulação e edição das imagens capturadas. O intuito é criar uma experiência poética que explore as camadas de realidade entre o virtual e real (realidade mista), onde o público possa visualizar o trabalho por meio da leitura de *QR Codes* sobrepostos nos retratos dos performers anônimos. As performances foram realizadas em São Paulo, Brasil no Elevado João Goulart (Minhocão), na Autopista 3, em Buenos Aires, Argentina e no

Jardim de Moravia, em Medellín, Colômbia. As etapas argentinas e colombianas se desenvolveram durante residência artística em La Paternal Espacio Proyecto em 2015 e Fundación Casa Tres Patios em 2016.

Filipe Barrocas

[Performance] – *O corpo neutro - A leitura*. Em seu livro, que reúne um ensaio fotográfico e quatro diferentes narrativas, o artista investiga a possibilidade de existência de um *corpo neutro* do referente da imagem fotográfica. Cada narrativa desse livro de artista, foi escrita a partir de um conjunto de retratos de família e desenvolvida em diálogo com outros autores. Filipe Barrocas conta a história de um homem e de uma mulher, mas que não formam um casal. Ele é avô dela. E ela, ainda criança nestas imagens, é agora mãe do autor. Num dos retratos que deflagra a sua narrativa, pode-se ler no verso: “Vimeiro 1968”. Este é um lugar na costa ocidental portuguesa, onde se travou a batalha com os franceses no início do século XIX e, pelo que parece, destino de férias da sua família. Lugar esperado e distante, onde águas doces e salgadas se encontram e a ilha de Saturno pontua o horizonte. Ilha granítica situada no oceano Atlântico, a meia dúzia de milhas do Cabo Carvoeiro, no horizonte do Vimeiro, onde o avô ensinou a criança a nadar. Acontecimento testemunhado pelo aparelho fotográfico do pai e comprovado até hoje pelo álbum da família.

Inês Bonduki [fotografias e instalação]

Linha Vermelha articula dois ensaios fotográficos de realidades à princípio distantes: o interior de vagões do metrô de São Paulo (2013-15) e *jams sessions* de dança (Contato Improvisação, SP, 2014), de forma a ressaltar um aspecto que os relaciona: a proximidade dos corpos e uma intensa experiência de toque. O título refere-se à mais longa linha de metrô de São Paulo, que transporta 3 milhões de pessoas todos os dias da periferia para as regiões mais centrais da cidade. Essas pessoas perdem de 2 a 3 horas diárias no deslocamento casa-trabalho-casa. A maioria das imagens foi produzida com um celular nas horas de lotação mais críticas dessa linha. Além de explicitar questões político-sociais, em *Linha Vermelha* a intenção é de observar a natureza corporal e sensível da experiência urbana. Nesse sentido, as imagens de dança Contato Improvisação articulam-se com as imagens do metrô explicitando naturezas opostas de corporeidade. Em ambas as situações vemos imagens de corpos que se tocam: no vagão do metrô, o toque involuntário dos corpos revela tensão no espaço entre eles, já que o desejo é de afastamento; entre os dançarinos de Contato Improvisação, um espaço macio, com intenção de aproximação, diálogo e aprendizado sensível. Realidades opostas e complementares que viabilizaram a construção de um discurso visual que não se dá em uma ou outra, mas entre as duas. *Linha Vermelha* será publicado pela Editora Tempo de Imagem em 2017.

Julia Mota

A série *Cidade entre olhares* é resultado de uma pesquisa que procura investigar a cidade enquanto paisagem por meio da representação de relações visuais observadas no espaço urbano, especificamente em São Paulo. Nesta coletiva, a artista apresenta algumas imagens que são fruto de experimentações no campo da pintura e da

gravura, desenvolvidas entre 2014 e 2016 e que compõem sua dissertação de mestrado.

Juliano Gouveia dos Santos

Tangentes do Jardim Imperfeito. O artista apresenta nesta exposição um conjunto de três imagens de seu trabalho de mestrado, *Tangentes do Jardim Imperfeito*, realizado no Programa de Pós-graduação em Poéticas Visuais entre os anos de 2009 e 2011. O trabalho foi lançado com o mesmo título pela Edusp em 2013. O conjunto apresentado aqui pontua um momento inicial (imagem panorâmica) e outro, final, dessa pesquisa, em que os termos paisagem, tempo e destruição tiveram, em termos temáticos e técnicos, papel fulcral. A alteração da natureza pela ação do homem – o que disso decorre em termos de devastação – e, inversamente, o recobrar de um espaço pela natureza, a partir perda da função das edificações humanas, foram pontos que pontuaram a pesquisa. Com outro viés, essa investigação sobre a paisagem ganhou desenvolvimento com o trabalho de doutorado do artista (Trevo, 2016), realizado no mesmo programa.

Pedro Hamaya

Série de pinturas sobre madeira.

Renato Pera

Caixilharia é uma espécie de coleção de tipologias de janelas encontradas em pesquisa iconográfica e bibliográfica, e em inúmeras derivas pela cidade de São Paulo. Serviram de referência diversas fontes dos séculos XIX e XX, como por exemplo, fotografias de Militão Augusto de Azevedo, desenhos de Jean-Baptiste Debret, e projetos – inclusive alguns não realizados – do arquiteto Victor Dubugras, além de arquiteturas anônimas. O procedimento formal consistiu em desenhar cada modelo escolhido com o auxílio de ferramentas digitais de modelagem 3D, para assemelhar-se ao desenho contemporâneo de projeto arquitetônico. Esta imagem ilusionista, que pressupõe um espaço tridimensional de representação, foi impressa em MDF cru para contrastar com uma superfície “dura” que repele o olhar, que evita abrir-se como janela, como superfície projetiva. O tijolo de barro, comum à fisionomia de uma “velha” São Paulo, foi o elemento construtivo essencial da alvenaria paulista de meados do século XIX e início do século XX, momento de crescimento acelerado da malha urbana da cidade de São Paulo. *O INFINITO, ILUSÃO, AMANHÃ, NUNCA* e *HORIZONTE* buscam relacionar-se com essa memória.

Breve CV dos artistas:

Ana Tomimori (Atibaia, 1980). Artista, professora infantil, vendedora de café, de pão, de roupa velha, fotografa de casamento, restauradora de móveis, e muitos outros eteceteras. Participou do coletivo “Chicamatafumba” e diversas exposições coletivas. Residência artística pela Bolsa Iberê Camargo (BO, 2013); Biernar (CHL, 2015); Apartamento 41 (BR, 2015); A casa da vó do Carlos (CO, 2016). Contemplada pela aula “Arte da Instalação”

(ministrada pelo professor Carlos Fajardo) para a realização do evento “Estudos sobre a classificação” (<https://estudosobreaclassificacao.wordpress.com/>, 2014).

Filipe dos Santos Barrocas (Lisboa, 1982). Vive e trabalha entre Lisboa e São Paulo desde 2010. Ano em que realizou o estágio internacional *Inov-art* na cidade de São Paulo. O seu trabalho fotográfico vem sendo desenvolvido através da intersecção da sua formação enquanto arquiteto com a dança, o teatro e a performance. É mestre em artes visuais pela Universidade de São Paulo desde 2015. Abriu a *Galeria O Quarto* em 2012 e deu início ao selo *Quarto edições* em 2015, em parceria com Jordi Burch. Coordenou a oficina *Montra* no Centro Cultural São Paulo em Dezembro de 2015.

Cássia Aranha (Campinas, 1975) transita em um espaço híbrido que envolve a exploração poética de arte e tecnologia, em especial arte móvel, artes locativas, realidades mistas, fotografia e vídeo. Formada em Artes Plásticas na UNICAMP em 2002, ingressa no ano seguinte no curso de Letras na Universidade de São Paulo - USP, impulsionada pelo estudo da literatura hispano americana. Atua também profissionalmente na área audiovisual, com experiência em assistência de direção, edição de vídeo em produtoras e canais de televisão, entre eles MTV e TV Cultura. Em 2016 concluiu o mestrado em Poéticas Visuais na ECA - USP (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo), na linha de pesquisa de Multimeios. Integra o grupo Realidades - das realidades tangíveis às realidades ontológicas e seus correlatos, coordenado pela Profa. Silvia Laurentiz, ECA-USP e também o Grupo É de pesquisa e criação em videodança.

Inês Bonduki (São Paulo, 1984). É fotógrafa, editora, pesquisadora e professora. Arquiteta-urbanista pela FAU-USP e mestre em Artes Visuais pela ECA-USP [2015], onde integra o Grupo de Pesquisa em Impressão Fotográfica. Em 2015, foi artista e pesquisadora residente na *Visual Studies Workshop*, em Rochester [NY], onde realizou pesquisa sobre sequência visual no suporte do livro de artista e exposição individual do trabalho *Linha Vermelha*. Foi Editora de Fotografia da Revista São Paulo [2012 - 2013], para onde ainda colabora ilustrando a coluna de Raul Juste Loes. *Linha Vermelha* foi contemplado com o Prêmio Foto em Pauta 2016 e recebeu 3o lugar no Prêmio Conrado Wessel 2015.

Julia Mota (São Paulo, 1988). Vive e trabalha em São Paulo. Mestre em Poéticas Visuais (ECA-USP, 2016) e graduada em Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP, 2012), desenvolve desde 2010 trabalhos em artes visuais que exploram as relações de espacialidade dentro dos centros urbanos. Sua pesquisa transita em torno do conteúdo visual que pode ser apreendido dentro dos limites físicos e imateriais das cidades e de espaços construídos pelo homem. Seu processo criativo inclui a prática do desenho, pintura, fotografia e gravura.

Juliano Gouveia dos Santos (Mauá, 1979). Artista, pesquisador e professor. Atua nas áreas de Artes Visuais e Literatura. Publicou os livros de fotografia *Tangentes do Jardim Imperfeito* (Edusp) e *NADIR* (Narval), ambos em 2013. Bacharel em Letras pela FFLCH-USP, Mestre e Doutor em Poéticas Visuais pela ECA-USP. Vem participando de projetos no Brasil e no exterior, e expõe regularmente desde a individual *O Lado* (MIS-SP, 2007). Das exposições recentes, destacam-se as realizadas no ano de 2014: *Tangentes do Jardim*

Imperfeito (Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo), *Sérendipité* (DAM Gallery, Bruxelas) e *Sinopse de vários territórios* (Galeria Emma Thomas, São Paulo).

Renato Pera (São Paulo, 1984). Mestre e bacharel em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo. Foi bolsista da FAPESP para a realização de sua pesquisa de Mestrado (2014-2016). Recentemente premiado no 24^o Visualidade Nascente (2016, Centro Universitário Maria Antônia, SP), recebeu também indicação ao Prêmio PIPA (2014) e foi contemplado com o Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais (2012). Participou de residências artísticas no Brasil e no exterior. Destacam-se as exposições individuais "Sangue" (2016, Sesc Santana, SP), "Vazão" (2015, Galeria A Gentil Carioca, RJ) e "O Muro" (2014, Sesc Ipiranga, SP). Ministra atividade docente em oficinas e tem textos e obras publicados em diversos meios.